

## **Efeitos da Contabilidade Mental sobre os Comportamentos de Consumo: Um Estudo com Indivíduos Brasileiros**

### **Mental Accounting Effects on Overspending Behavior: A Study with Brazilian Individuals**

#### **Thais Eugênio de Moraes**

Mestre em Ciências Contábeis, Universidade Federal do Rio de Janeiro (FACC-UFRJ)

Contadora – Prefeitura Municipal de Lorena-SP

Endereço: Av. Cap. Messias Ribeiro, 625 – Olaria, Lorena – SP, 12607-020

E-mail: thaiseugmoraes@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1845-5911>

#### **Ana Carolina Pimentel Duarte da Fonseca**

Doutora em Administração, Universidade Federal do Rio de Janeiro (COPPEAD-UFRJ)

Professora do PPGCC/ FACC- Universidade Federal do Rio de Janeiro

Endereço: Av. Pasteur, 250 - Urca, Rio de Janeiro -RJ, 22290-240

E-mail:anafonseca@facc.ufrj.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0255-7569>

#### **Yara Consuelo Cintra**

Doutora em Controladoria e Contabilidade, Universidade de São Paulo (FEA-USP)

Professora do PPGCC/ FACC – Universidade Federal do Rio de Janeiro

Endereço: Av. Pasteur, 250 - Urca, Rio de Janeiro -RJ, 22290-240

E-mail:yaracintra@facc.ufrj.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7196-1429>

### **Resumo**

Esta pesquisa teve como objetivo analisar os efeitos da Contabilidade Mental sobre os Comportamentos de Consumo de indivíduos brasileiros. Trata-se de um estudo qualitativo, de caráter descritivo explicativo, realizado por meio de pesquisa bibliográfica e estudo de caso, utilizando o método de Análise de Conteúdo, com categorias de análise pré-definidas. A coleta de dados se deu através de entrevistas semiestruturadas com 27 indivíduos brasileiros, naturais dos 27 estados do Brasil e o *corpus* da pesquisa foi composto pelas transcrições das 27 entrevistas. Os resultados apontam indícios de ocorrências do processo cognitivo da Contabilidade Mental e seus vieses nas três dimensões das finanças domésticas - planejamento, renda e cartão de crédito - sendo que, nestas três dimensões, identificaram-se etapas de codificação, categorização e avaliação. Na etapa da codificação, foram encontradas evidências de que as dimensões do planejamento, renda e cartão de crédito são codificadas todas juntas, porque estão todas sob abrangência do planejamento. Ainda na etapa da codificação, os resultados parecem confirmar a ideia de que a fatura do cartão seria um aglomerado de várias perdas menores, sendo editada hedonicamente na forma de integração de perdas. Na etapa de categorização, os entrevistados citaram rótulos para suas receitas e despesas. Na etapa de avaliação, foi possível observar que no Planejamento, os indivíduos planejados tendem à avaliação *ex ante* e os não planejados tendem à avaliação *ex post*; na renda, a maioria tende à avaliação *ex ante*; e no cartão de crédito, todos tendem à avaliação *ex post*. Finalmente, a categoria de comportamentos de consumo com maior número de indícios de ocorrência da Contabilidade Mental e seus vieses foi a categoria dos comportamentos equilibrados,

contrariando a ideia de que os comportamentos excessivos teriam maior relação com a Contabilidade Mental.

**Palavras-chave:** Contabilidade Mental; Finanças Pessoais; Comportamentos de Consumo; Indivíduos Brasileiros.

### **Abstract**

This research aimed to analyze Mental Accounting effects on the Overspending Behaviors of Brazilian individuals. This is a qualitative, descriptive and explanatory study, carried out through bibliographical research and case study, using the Content Analysis method, with pre-defined analysis categories. Data collection took place through semi-structured interviews with 27 Brazilian individuals, from the 27 states of Brazil and the research *corpus* was composed of transcriptions of the 27 interviews. The results point to evidence of occurrences of the cognitive process of Mental Accounting and its biases in the three dimensions of domestic finance - planning, income and credit card - and, in these three dimensions, stages of coding, categorization and evaluation were identified. In the coding stage, evidence was found that the dimensions of planning, income and credit card are all coded together, because they are all within the scope of planning. Still at the coding stage, the results seem to confirm the idea that the card bill would be a cluster of several smaller losses, being edited hedonically in loss integration form. In the categorization stage, interviewees cited labels for their income and expenses. In the evaluation stage, it was possible to observe that in Planning, planned individuals tend to *ex ante* evaluation and unplanned individuals tend to *ex post* evaluation; in income, the majority tends towards *ex ante* assessment; and in credit cards, everyone tends to *ex post* evaluation. Finally, the category of overspending behaviors with the greatest number of signs of the occurrence of Mental Accounting and its biases was the category of balanced behaviors, contradicting the idea that excessive behaviors would have a greater relationship with Mental Accounting.

**Keywords:** Mental Accounting; Personal Finance; Overspendig Behavior; Brazilian Individuals.

## **1 Introdução**

A Contabilidade Mental é o processo cognitivo pelo qual um indivíduo, de forma irracional e inconsciente, codifica, categoriza e avalia os eventos econômicos por ele percebidos, sendo o consumo de uma família, ou de um indivíduo, um exemplo de evento econômico que é "contabilizado mentalmente" quando se fala em finanças domésticas (Thaler, 1985; 1999).

O processo cognitivo da Contabilidade Mental, como já mencionado, ocorre no campo irracional e inconsciente da mente, campo o qual é também muitas vezes responsável por processar fatores emocionais, sentimentais e culturais dos indivíduos, aspectos que estão frequentemente ligados aos comportamentos de consumo dos mesmos (Bae, et al., 1993; Fan; et al., 2020, Nashawati, 2018; Khare, 2016; Paraíso & Fernandes, 2019; Carraro & Merola, 2018; Campara, et al., 2016; Cerbasi, 2016).

Desta forma, sabe-se que há alguma relação entre a Contabilidade Mental e os comportamentos de consumo das pessoas, mas não há consenso na literatura sobre como essa relação acontece e nem se ela é boa ou ruim para as finanças domésticas e para os comportamentos de consumo.

Frente a tais lacunas, este estudo se norteou pelo seguinte questionamento: Como a Contabilidade Mental afeta os comportamentos de consumo de indivíduos brasileiros? O objetivo principal foi analisar os efeitos da Contabilidade Mental sobre os comportamentos de consumo de indivíduos brasileiros.

O estudo da temática em questão se faz relevante tendo em vista que a Teoria da Contabilidade Mental é um tópico em ascensão e tem sido alvo de diversos trabalhos em âmbito nacional nos últimos anos (Miotto & Parente, 2015; kitsch, et al., 2016; Zaneta, 2016; Silva et al., 2017; Santos, et al., 2019; Constantino, 2020; Rengel, 2020; Silva, 2020; Avanzi, et al., 2020; Bugalho, 2021). No entanto, não foram encontrados trabalhos semelhantes que se propusessem a investigar a relação entre os fenômenos propostos, quais sejam, o processo cognitivo da Contabilidade Mental e os comportamentos de consumo de indivíduos brasileiros.

No que se refere às contribuições, espera-se que o estudo permita aprofundar o conhecimento sobre a Contabilidade Mental e sua relação com os padrões financeiros comportamentais de indivíduos brasileiros, além servir de suporte para profissionais financeiros e para os próprios cidadãos brasileiros, compreenderem melhor as implicações da Contabilidade Mental sobre o comportamento humano, sobretudo em processos decisórios financeiros, e assim possam traçar estratégias que otimizem o controle de seus gastos, de diminuam dívidas e equilibrem suas finanças.

## 2 Fundamentação Teórica

### 2.1 Contabilidade Mental, suas etapas e vieses

A Contabilidade Mental é definida como o processo cognitivo irracional e muitas vezes inconsciente pelo qual as pessoas codificam, categorizam e avaliam os eventos econômicos que acontecem em seu cotidiano (Thaler, 1999). Tal processo passa por três etapas cognitivas (codificação, categorização e avaliação) enviesadas pelas heurísticas da mente humana, que por vezes influenciam as decisões dos indivíduos (Thaler, 1980; 1985; 1999). Os principais vieses que permeiam o processo cognitivo da Contabilidade Mental estão apresentados no Tabela 1.

Tabela 1

#### Vieses da Contabilidade Mental

Viés	Conceito
Efeito Dotação	Supervalorização do próprio patrimônio em detrimento ao patrimônio de terceiros, devido ao apego emocional atribuído à sua propriedade.
Custo Afundado	Tentativas vãs de recuperar um investimento perdido, seja tempo, dinheiro ou qualquer outro tipo.
Psicofísica dos Preços	Tendência de perceber valores absolutos como sendo valores relativos e tomar decisões com base em tal percepção.
Aversão ao Arrependimento	Aversão a alternativas que envolvam possibilidades de arrependimento, evitando-as ou permanecendo inerte a elas.
Autocontrole	Tendência de se criar ferramentas para auxiliar no controle de despesas por se presumir que sozinhos os indivíduos não tem disciplina para tal.

Nota. Adaptado de Thaler (1980, 1985, 1999)

Para melhor compreender como cada um desses vieses age durante as etapas do processo cognitivo da Contabilidade Mental, a seguir são explicadas cada uma delas.

A etapa de codificação descreve como as pessoas percebem e experimentam ganhos e perdas em sua forma combinada (Thaler, 1999). De acordo com o autor, há quatro formas de combinar perdas e ganhos: 1) No caso de ganhos sucessivos, um indivíduo irá sempre preferir segregá-los, pois uma pessoa fica mais feliz quando sente o prazer do ganho várias vezes. 2) Para as perdas, a utilidade percebida por um indivíduo aumenta por meio da integração, pois a dor de várias perdas seria sentida uma única vez. 3) Para ganhos mistos (ganhos maiores que cancelam pequenas perdas), a utilidade percebida aumenta se eles forem integrados às perdas, pois a dor de pequenas perdas seria cancelada pelo prazer de ganhos maiores. 4) No caso de perdas mistas (perdas maiores são amenizadas por pequenos ganhos), uma pessoa fica menos

infeliz quando separa as perdas dos ganhos, pois estes, em proporções menores, serviram como “um forro de prata” para amenizar grandes perdas.

A estas modalidades de agrupamento de ganhos e perdas, Thaler deu o nome de Edição Hedônica, pois um indivíduo sempre irá preferir o agrupamento ou a segregação dos eventos de ganho ou perda em função da maximização da utilidade percebida, ou seja, o aumento de seu prazer ou diminuição de sua dor (Thaler, 1985).

Esta etapa de codificação, de acordo com Avanzi et al. (2020) está intimamente ligada ao princípio da psicofísica, pois ele age diretamente na percepção de utilidade percebida pelos indivíduos, e conseqüentemente nas formas de edição hedônica, de modo a convencer o consumidor de que um negócio foi bom, mesmo quando não foi.

A etapa de categorização, por sua vez, tem por objetivo categorizar o orçamento, isto é, classificar as receitas e despesas em contas mentais de ativos e passivos, seguindo uma lógica própria para cada categoria (Shefrin & Thaler, 1988; Thaler, 1999). As receitas, por exemplo, fazem parte da categoria de contas mentais dos ativos e são rotuladas tanto pelo seu fluxo temporal, como pela sua disponibilidade de liquidez. Isto quer dizer que a forma como uma receita é obtida (regularmente ou inesperadamente) influencia no modo como ela será gasta, logo, o tipo de despesa depende do tipo de receita. E por fim, quanto maior a liquidez de uma receita, maior a tentação de gastá-la (Thaler, 1999). As despesas, por sua vez, compõem a categoria de contas mentais do passivo de um indivíduo e são rotuladas em categorias orçamentárias potenciais (Thaler, 1999), designadas de acordo com as áreas de sua vida pessoal, como explicam Adams e Cuecuecha (2010) e Li et. al. (2010). Dessa forma, as categorias de passivo, ou de despesas, podem ser, por exemplo, entretenimento, saúde, habitação, bens de consumo duráveis, apoio à família, entre outros (Adams & Cuecuecha, 2010; Li et. al., 2010).

Por mais, a fase de categorização, nas visões de Miotto e Parente (2015), Constantino (2020) e Sui et al. (2020) tem estreita relação com o viés do autocontrole, uma vez que as categorias atribuídas às receitas permitem rastrear o fluxo e a disponibilidade destas e as categorias das despesas permitem mapear a destinação dos recursos disponíveis, funcionando como um dispositivo para controle das despesas domésticas e contribuindo para um comportamento de consumo equilibrado. Por outro lado, Lima (2003), Kitch et al. (2016) e Zanetta (2016) consideram que o ato de categorizar receitas e despesas afasta os indivíduos ainda mais da racionalidade, de modo que eles tratarão seus problemas financeiros de forma segmentada, mesmo que isso os prejudique. Um exemplo disto é quando uma pessoa contrata um empréstimo a juros altíssimos para pagar uma dívida, mesmo quando ela tem dinheiro investido. Este fenômeno, de acordo com os autores (Lima, 2003; Kitch et al., 2016; Zanetta, 2016), pode ser decorrente do efeito dotação, no qual um indivíduo tende a supervalorizar um item que seja de sua propriedade (no caso, o próprio dinheiro, que está investido) do que itens que são de terceiros (dinheiro emprestado do banco).

Por fim, a etapa de avaliação diz respeito à frequência com que as contas mentais são avaliadas. Avaliar uma conta mental significa equilibrar tal conta diariamente, semanalmente, mensalmente ou anualmente. A etapa de avaliação geralmente ocorre em caráter *ex ante*, ou seja, de acordo com a expectativa que se tem acerca de um evento. As avaliações *ex post*, quer dizer, de acordo com um fato consumado, não são tão comuns, mas podem aumentar de frequência considerando o tamanho de uma transação ou à medida em que uma compra ou transação atípica se torne mais comum (Thaler, 1999).

O princípio da psicofísica também está presente nesta etapa do processo da Contabilidade Mental, dado que, conforme já mencionado, ele pode influenciar a percepção de utilidade de transação verificada pelos indivíduos, os convencendo de que um negócio foi bom mesmo quando não foi (Avanzi et al., 2020). Ademais, a etapa de avaliação está também relacionada ao viés do custo afundado, pois, é nesta fase que um indivíduo geralmente percebe a ocorrência de um possível mal negócio irreversível e com isto ele provavelmente tentará

recuperar o investimento perdido, repetindo todo o processo cognitivo por várias e várias vezes, mesmo que não tenha sucesso (Thaler, 1980).

Por último, conforme explica Lima (2003), a aversão ao arrependimento se relaciona com todo o processo cognitivo da Contabilidade Mental, podendo acontecer em qualquer uma das três fases, pois ao codificar, categorizar ou avaliar algum evento econômico, o indivíduo pode, por força do viés, evitar alguma alternativa que lhe pareça arriscada ou mesmo manter as coisas como elas estão, sem nada fazer ou decidir.

Ainda, para cumprir os propósitos deste estudo, faz-se necessário discorrer acerca dos comportamentos de consumo para melhor compreender a relação destes com o processo cognitivo da Contabilidade Mental.

## **2.2 Comportamentos de Consumo**

Padrões de consumo e hábitos financeiros que variam de acordo com os comportamentos intrínsecos de cada indivíduo são também chamados de comportamentos de consumo, ou ainda, comportamentos de gastos nas traduções de trabalhos internacionais (Sui, et al., 2020; Fan, et al., 2020; Nashawati, 2018; Carraro & Merola, 2018) e podem impactar as decisões financeiras e, conseqüentemente, atingir o planejamento financeiro da família como um todo (Comissão de Valores Mobiliários [CVM], 2019).

Os comportamentos de consumo que envolvem hábitos financeiros e padrões de consumo bons ou ótimos, são considerados comportamentos de consumo equilibrados, uma vez que não causam problemas à saúde financeira do indivíduo e/ou de sua família e buscam, minimamente, equilibrar receitas e despesas mensais (Sui et al., 2020; Fan et al., 2020; Nashawati, 2018; Carraro & Merola, 2018; Paraíso & Fernandes, 2019; Khare, 2016; Campara et al., 2016). Já os comportamentos que apresentam hábitos e padrões de consumo dispendiosos e que desestabilizam as finanças domésticas, reforçam a tendência ao endividamento das famílias e à inadimplência, e por isso são considerados comportamentos de consumo excessivos, já que, geralmente, não permitem seguir qualquer planejamento financeiro, geram sempre mais despesas do que o planejado e, com isso, o orçamento estabelecido não é seguido. Logo, as despesas frequentemente ultrapassam os salários mensais e o cartão de crédito é utilizado de forma descontrolada, como se fosse um complemento à renda que falta, além da fatura ser raramente paga dentro do vencimento e/ou em sua totalidade. (Sui et al., 2020; Fan et al., 2020; Nashawati, 2018; Carraro & Merola, 2018; Paraíso & Fernandes, 2019; Khare, 2016; Campara et al., 2016).

De acordo com Sui et al. (2020), os comportamentos de consumo dos indivíduos, sejam na vertente equilibrada ou excessiva, podem se apresentar principalmente em três dimensões das finanças domésticas: a dimensão do planejamento financeiro, a dimensão da renda (também chamada de dimensão do orçamento) e a dimensão das despesas com cartão de crédito.

A dimensão do planejamento financeiro, ou simplesmente planejamento, se refere às estratégias de controle e programação de gastos que permitem às famílias garantir o equilíbrio de seu orçamento e atingir metas de curto, médio e longo prazo, como mencionado por Jorge e Ferreira (2011) e pela CVM (2019), tendo em vista que famílias que possuem um planejamento financeiro consolidado têm menos probabilidade de gastar em excesso e, portanto, estão sempre em equilíbrio financeiro, gastando apenas dentro do que foi previsto (Sui et al., 2020). Dessa forma, entende-se que os comportamentos de consumo dos indivíduos, no que se refere à dimensão do planejamento, quando assumem sua vertente equilibrada, tendem a se enquadrar e seguir em um planejamento específico. Por outro lado, quando tais comportamentos assumem a forma excessiva, não há qualquer planejamento e/ou quando há, este não é fielmente executado.

A dimensão da renda ou orçamento, diz respeito à restrição orçamentária descrita por Thaler (1985) de que o orçamento é restrito à renda da família. Assim, as despesas, ou passivos, devem ser compatíveis com os ativos para que se mantenha o equilíbrio financeiro do lar. Caso contrário, o orçamento doméstico ficaria deficitário, uma vez que as despesas excederiam as receitas (Sui et al., 2020). Em resumo, a dimensão da renda trata do equilíbrio entre as receitas provenientes dos salários mensais dos membros de uma família e suas despesas mensais. É o equilíbrio do orçamento mensal. Nesse sentido, a vertente equilibrada dos comportamentos de consumo na dimensão da renda seria quando as receitas e despesas permanecem em equilíbrio no curto prazo, geralmente no mês. Já a vertente excessiva se configura quando há sempre mais despesas do que receitas e com isso o orçamento estabelecido se desequilibra com frequência.

Por último, a dimensão das despesas com cartão de crédito, embora seja uma despesa rotineira para muitas famílias, nas visões de Carraro e Merola (2018), Paraíso e Fernandes (2019), Khare (2016) e Campara et al. (2016), este tipo de despesa deve ser observado com maior atenção, pois, em vários países, ele é o fator que mais impulsiona os indivíduos ao endividamento e, em muitos casos, também à inadimplência. Thaler (1999) e Khare (2016) explicam que isso ocorre porque, no momento em que uma pessoa realiza uma compra utilizando o cartão de crédito, ela não sente a dor da perda, representada pela saída de dinheiro em caixa naquele momento, e tem a sensação ilusória de que não irá pagar por essa compra, ou seja, há uma dissociação entre a compra e o consumo, que parece reduzir o custo percebido pelo evento da compra. Sui et al. (2020) corroboram essa ideia ao afirmarem que os gastos com cartão de crédito não parecem ser tão dolorosos quanto gastar dinheiro vivo. Posto isto, Sui et al. (2020) e Khare (2016) ponderam que os comportamentos de consumo relacionados à dimensão das despesas com cartão de crédito são considerados equilibrados quando este recurso é utilizado de forma consciente, e sobretudo, quando os indivíduos e/ou famílias, dentro do orçamento estabelecido, têm condições de pagar as faturas mensais, preferencialmente, em sua totalidade e sem atrasos em relação a seu vencimento. O oposto a esse cenário seria se o indivíduo e/ou sua família nunca, ou quase nunca, tivesse condições de pagar a fatura dentro do vencimento e/ou em sua totalidade, o que incorreria em um comportamento de consumo excessivo, prejudicial às finanças domésticas.

Ainda, alguns autores defendem que os comportamentos de consumo, sobretudo os de vertente excessiva, são frequentemente originados por fatores emocionais, sentimentais e culturais (Bae et al., 1993; Fan et al., 2020; Nashawati, 2018; Carraro & Merola, 2018; Paraíso & Fernandes, 2019; Khare, 2016; Campara et al., 2016; Cerbasi, 2016), ou seja, fatores que também se relacionam com o campo irracional e por vezes inconsciente da mente, assim como a Contabilidade Mental, o que poderia ser um indício de que esta teria mais influência sobre os comportamentos excessivos do que sobre os comportamentos equilibrados.

Mediante o exposto, na seção a seguir são traçadas possíveis relações entre os comportamentos de consumo em suas três dimensões e processo cognitivo da Contabilidade Mental, com o intuito de elucidar o objetivo deste estudo.

### **2.3 Relações entre Contabilidade Mental e Comportamentos de Consumo**

Na literatura disponível sobre a Contabilidade Mental e os comportamentos de consumo dos indivíduos não há consenso sobre como o processo cognitivo da Contabilidade Metal influencia as finanças domésticas e, por sua vez, os comportamentos de consumo. Alguns autores dizem que a Contabilidade Mental é benigna às finanças domésticas e que ela promove comportamentos de consumo equilibrados (Miotto & Parente, 2015; Constantino, 2020; Sui et al., 2020). Outros autores, porém, afirmam que a Contabilidade Mental é prejudicial às finanças domésticas e que ela reforça comportamentos de consumo excessivos (Lima, 2003; Silva, 2020; Avanzi et al., 2020; Kitch et al. 2016; Zanetta, 2016). O próprio Thaler (1999), pioneiro nos

estudos sobre a Contabilidade Mental, questiona se esta como um todo é boa para a rotina das pessoas, e sugere pesquisas nesta direção para tentar dizimar tal controvérsia (Thaler, 1999). No entanto, o que todos os autores citados concordam é que há alguma relação entre o processo cognitivo da Contabilidade Mental e os comportamentos de consumo dos indivíduos e que os vieses decorrentes da Contabilidade Mental estão presentes nessa relação.

Dessa forma, se, conforme mencionado anteriormente, o comportamento de consumo na dimensão do planejamento trata de estratégias financeiras familiares de maneira mais ampla envolvendo o curto, o médio e o longo prazo, logo, ela abrange a dimensão da renda (geralmente de curto prazo), que, por sua vez engloba a dimensão das despesas com cartão de crédito (Sui et al., 2020; Bae et al., 1993; Thaler, 1999; Carraro & Merola, 2018; Paraíso & Fernandes, 2019; Khare, 2016; Campara et al., 2016). Assim, entende-se então que as dimensões do planejamento, da renda e do cartão de crédito seguem a tendência de, no processo cognitivo da Contabilidade Mental, serem codificadas todas juntas, já que estão todas sob abrangência do planejamento.

Além disso, o planejamento é um conjunto de estratégias e eventos econômicos que visam atingir um objetivo futuro, podendo incorrer em ganhos (em caso de sucesso) e perdas (no caso de fracasso) (Jorge & Ferreira, 2011; CVM, 2019; Nashawati, 2018); assim como a dimensão da renda também tem o intuito de registrar receitas e despesas mensais, de forma combinada, a fim de equilibrar o orçamento (Thaler, 1999; Sui et al., 2020). Essas duas dimensões, portanto, estão sujeitas à edição hedônica na forma de ganhos e perdas mistas, seja segregando quando as perdas são maiores que os ganhos ou integrando quando os ganhos são maiores que as perdas. A dimensão do cartão de crédito por sua vez pode ser vista como uma combinação de várias perdas menores, que são integradas em um pagamento mensal único, ou seja, a edição hedônica seria na forma de integração de perdas (Thaler, 1985; 1999).

Ademais, quando se fala em orçamento doméstico, automaticamente se fala em categorizar ativos e passivos visando um objetivo futuro, dentro de um planejamento maior. Desta forma, sempre que um indivíduo traça um orçamento doméstico mensal, ele está categorizando contas mentais para rotular ganhos e perdas advindos de seus eventos econômicos (Thaler, 1999). As contas mentais traçadas se adaptam ao contexto da família, podendo variar de acordo com subjetividade de cada uma (Thaler, 1999; Kahneman & Tversky, 1999).

Por fim, a avaliação referente aos comportamentos de consumo, isto é, o julgamento e decisão sobre o que fazer em relação às dimensões do planejamento, renda e cartão de crédito, seguem a restrição de tempo imposta pelo orçamento, ou seja, as análises e decisões sobre as finanças de uma família ocorrem mensalmente, embora este período devesse ser maior para permitir um planejamento mais consolidado, conforme a teoria de Thaler (1999). Além disso, a etapa de avaliação, executada por indivíduos com comportamentos de consumo equilibrados, tende a acontecer em caráter *ex ante*, pois estes geralmente seguem um planejamento prévio que permite julgar e decidir sobre seus eventos financeiros antes deles acontecerem. Diferentemente dos indivíduos que apresentam comportamentos de consumo excessivos, os quais, em virtude de seus maus hábitos e padrões de consumo, que não permitem seguir qualquer planejamento, só conseguem analisar seus resultados após a consumação deles, ou seja, *ex post* (Thaler, 1999).

Na seção seguinte, estão descritos os procedimentos metodológicos utilizados no estudo.

### **3 Procedimentos Metodológicos**

Considerando o objetivo do estudo, qual seja, analisar os efeitos da Contabilidade Mental sobre os comportamentos de consumo de indivíduos brasileiros, foi realizada uma

pesquisa qualitativa (Silva & Menezes, 2001; Woods; 1999) de caráter descritivo explicativo (Gil, 2010), executada por meio de pesquisa bibliográfica e estudo de caso (Yin, 2005; Creswell, 2014), utilizando o método de análise de conteúdo de Bardin (1977). A modalidade utilizada foi a Análise de Conteúdo Categórica Temática, com enumeração de indicadores de acordo com a presença (ou ausência) de fenômenos e contagem de frequência, conforme proposto por Oliveira (2008), utilizando categorias de análise pré-definidas com base na literatura revisada. Estas categorias seguem ilustradas na Tabela 2.

Tabela 2:

**Categorias de Análise utilizadas no estudo**

<b>Temas</b>	<b>Categorias de Análise</b>
Comportamentos de Consumo	C. C. Equilibrado
	C. C. Excessivo
	Etapa de Codificação
Processo Cognitivo da Contabilidade Mental	Etapa de Categorização
	Etapa de Avaliação
	Efeito Dotação
	Viés do custo afundado
	Princípio da psicofísica
	Aversão ao arrependimento
	Viés do autocontrole

Nota. Elaboração própria com base na fundamentação teórica do estudo.

A coleta de dados ocorreu nos meses de julho e agosto de 2022 e se deu através de entrevistas individuais semiestruturadas, guiadas por roteiro, que procurava captar os comportamentos de consumo relatados pelos indivíduos entrevistados nas três dimensões das finanças domésticas, quais sejam, o planejamento financeiro, a renda e o cartão de crédito, para então verificar indícios da ocorrência do processo cognitivo da Contabilidade Mental em suas três etapas (Codificação, Categorização e Avaliação), bem como os vieses que acompanham essas etapas (efeito dotação, princípio da psicofísica, viés do custo afundado, aversão ao arrependimento e viés do autocontrole). Em outras palavras, olhou-se para o comportamento de consumo descrito pelo entrevistado e procurou-se indícios da ocorrência da Contabilidade Mental (presença ou ausência) nesses comportamentos e a frequência com que tais indícios se apresentavam.

Foram entrevistados 27 indivíduos brasileiros, sendo um indivíduo de cada estado da federação brasileira. A seleção destes indivíduos se deu de forma não probabilística e intencional, sendo que, parte dos entrevistados foi de convidados da rede de contatos da pesquisadora e outra parte foi de indivíduos indicados pelos entrevistados anteriores (Técnica de *Snow Ball*) e/ou indicados por amigos e conhecidos da pesquisadora. Os únicos critérios de inclusão foram: ser de nacionalidade brasileira; e ser natural de um estado federativo diferente do entrevistado anterior, de modo a evitar que os resultados encontrados pudessem ser atribuídos a traços culturais de alguma localidade. O perfil dos entrevistados foi composto, em maioria, por indivíduos que se identificam com o gênero feminino, com média de idade de 34 anos, que iniciaram o ensino superior e tem profissões variadas. A média de renda líquida mensal por família é aproximadamente 9 mil reais considerando todos os entrevistados, desde os com rendas até 35 mil reais, até os entrevistados com nenhuma renda.

Ainda, optou-se por alastrar a pesquisa aos 27 estados brasileiros, pois Sui et al. (2020) e Niazi e Malik (2020) sugerem que o comportamento das pessoas varia de acordo com a realidade delas e/ou com o contexto em que vivem, ou seja, em diferentes localidades, com demografias e contextos distintos, originam-se comportamentos também distintos, subjetivos a cada realidade. Posto isto, salienta-se, no entanto que, não houve qualquer intenção de se promover comparação entre as culturas de cada estado brasileiro, mas sim, relatar as diferentes

formas que a Contabilidade Mental pode influenciar o comportamento dos indivíduos brasileiros. Assim sendo, o corpus da pesquisa foi composto pela transcrição das 27 entrevistas realizadas.

Os resultados da análise, bem como a discussão acerca dos mesmos, seguem apresentados na seção seguinte.

## **4 Análise e Discussão dos Resultados**

### **4.1 Indícios de ocorrência da contabilidade mental e seus vieses sobre os comportamentos de consumo**

Os resultados obtidos através da análise de conteúdo permitiram identificar a presença de indícios da ocorrência do processo de Contabilidade Mental e seus vieses sobre as três dimensões das finanças domésticas. Para melhor compreensão da análise, optou-se por apresentar as informações separadamente, descrevendo primeiramente os achados para a dimensão do planejamento, em seguida para a dimensão da renda e por fim para a dimensão do cartão de crédito.

#### **4.1.1 Indícios de ocorrência da Contabilidade Mental e seus vieses sobre os comportamentos de consumo na dimensão do Planejamento**

No que se refere à etapa de codificação na dimensão do planejamento, ao serem solicitados a descrever o que pensavam ao mentalizar a palavra “Planejamento Financeiro”, os entrevistados recorrentemente citavam termos como “não gastar mais do que ganho”, “não ultrapassar meu orçamento”, “controle de gastos” e, até mesmo, suas despesas, elementos os quais estão ligados à dimensão da renda, na qual está implícito o cartão, porque ele é também um gerador de despesas. Isso ocorreu nas três dimensões analisadas. Estes registros foram classificados na categoria “Etapa de Codificação” e sugerem que, de fato, o planejamento abrange a renda, que por sua vez, abarca o cartão de crédito, ou seja, as dimensões do planejamento, renda e cartão de crédito são codificadas todas juntas, porque estão todas sob abrangência do Planejamento, confirmando o que apontava a literatura (Sui et al., 2020; Bae, et al., 1993; Thaler, 1999; Carraro & Merola, 2018; Paraíso & Fernandes, 2019; Khare, 2016; Campara et al., 2016). Alguns dos relatos dos entrevistados sobre o que mentalizam como “Planejamento Financeiro” seguem apresentados abaixo:

É fazer uma lista daquilo que você recebe e aquilo que você tem de gasto durante o mês, né? Durante aquele período que você gastou. É mais ou menos isso. (Entrevistada 5 – RJ, Técnico administrativo em Educação, 55 anos).

Olha, pra mim, sempre foi não gastar além daquilo que recebo e sempre colocando uma margem de reserva, não é todos os meses que consigo, mas a gente tenta sempre trabalhar com esse planejamento. (Entrevistada 17 – BA, Contadora, 36 anos).

Ah, é um controle total dos gastos mensais né? Principalmente com uso de planilha pra um controle detalhado do que se gasta mensalmente. A gente aqui em casa tem um detalhamento dos gastos fixos mensais e dos possíveis gastos que não estão planejados no mês, né? (Entrevistado 20 – RS, Gerente de Projetos de TI, 33 anos).

Ainda na etapa de codificação, sobre a edição hedônica, para a dimensão do planejamento, não houve vestígios para confirmação da ideia de que o planejamento seria editado na forma de ganhos e perdas mistas, como previam Thaler (1999) e Sui et al. (2020), já que nenhum dos entrevistados sugeriu qualquer percepção de sucesso como ganho e fracasso

como perda, tampouco que estes sucessos ou fracassos pudessem de alguma forma ser segregados ou integrados. Nenhum entrevistado disse qualquer coisa que pudesse confirmar tais relações, embora reconheçam que o planejamento financeiro traz benefícios financeiros a quem o pratica.

Já na etapa de categorização, tendo em vista que os entrevistados citaram com frequência os termos “gastos”, “gastos fixos”, “reserva”, “investimento”, “orçamento” com o intuito de classificar alguma despesa ou receita enquanto falavam de seu planejamento, foi atribuída a categoria “Etapa de Categorização” a todos estes registros, pois ela é justamente a rotulação mental de receitas e despesas (Thaler, 1999).

Por fim, no que se refere à etapa de avaliação, os resultados apontam para o fato de que indivíduos planejados, ou seja, com comportamentos de consumo equilibrados, tendem à avaliação *ex ante* porque estes geralmente seguem um planejamento prévio que permite julgar e decidir sobre seus eventos financeiros antes deles acontecerem. Diferentemente de indivíduos não planejados, com comportamentos de consumo excessivos, os quais tendem à avaliação *ex post* porque em virtude de seus maus hábitos e padrões de consumo, não seguem qualquer planejamento e só conseguem analisar seus resultados após a consumação deles (Thaler, 1999). Os relatos dos entrevistados 8 e 15, que relataram comportamentos de consumo excessivos e equilibrados respectivamente exemplificam este resultado:

Nunca fiz planejamento e atualmente, com os efeitos da pandemia, eu não estou mais no trabalho que eu estava antigamente e não dá pra guardar dinheiro porque depois que pago as contas, nunca sobra nada. (Entrevistada 8 – AC, Corretora de Imóveis, 31 anos).

Sim, atualmente faço planejamento sim. Hoje estou refazendo o montante que tive que usar pra fazer minha transição de carreira, mas de qualquer maneira, agora estou refazendo essa minha reserva que tive que usar e eu tenho um certo montante que quero atingir pra que, no futuro, eu tenha uma aposentadoria, ainda que eu não receba aposentadoria do governo ou algo assim. (Entrevistado 15 – SC, Engenheiro Elétrico, 30 anos).

Além disso, ainda sobre a etapa de avaliação no planejamento, houve vários relatos de entrevistados dizendo que fazem um balanceamento semanal, quinzenal, mensal e até anual de seu planejamento financeiro. Alguns relatos dos entrevistados seguem ilustrando estes achados:

Geralmente eu fazia esse controle a cada quinzena porque meus cartões são quinzenais. Mas as contas de casa eram mês a mês mesmo. (Entrevistado 7 – AL, Empresário, 55 anos).

Eu tento fazer esse planejamento pelo menos uma vez por mês. (Entrevistada 3 – MT, Ensino Médio, Universitária).

Eu só faço planejamento uma vez por ano, quando eu faço minha declaração de imposto de renda, geralmente em abril. (Entrevistado 15 – SC, Engenheiro Elétrico, 30 anos).

#### **4.1.2 Indícios de ocorrência da Contabilidade Mental e seus vieses sobre os comportamentos de consumo na dimensão da renda**

A dimensão da renda, em resumo, trata do equilíbrio do orçamento mensal de uma família, pois nesta dimensão é que se registram as receitas e despesas mensais, de forma combinada, justamente para confrontá-las e verificar o que precisa ou não ser ajustado. (Thaler, 1985; 1999; Jorge & Ferreira, 2011; Kitch, 2016; Sui et al., 2020). Nesse sentido, no que se refere à categorização, os resultados evidenciaram que todos os indivíduos entrevistados, ainda

que de forma inconsciente, tem o hábito de categorizar receitas e despesas como uma forma de controlá-las, sendo unânime entre todos a rotulação delas. Dois dos registros destas rotulações seguem transcritos abaixo.

Nossas fontes de renda vêm do nosso trabalho. Eu sou engenheiro da Marinha e minha esposa é residente de enfermagem. As despesas que tenho todo mês são aluguel, condomínio, luz, gás e cartão de crédito. (Entrevistado 1 – AM, Engenheiro Naval, 27 anos).

Só tenho a renda do meu trabalho mesmo. Não tenho nenhuma outra fonte de renda. Das minhas contas, a prioridade é o aluguel, que vence dia primeiro, depois vem o cartão e o restante vem depois, que é conta de luz, telefone, internet, as contas normais que a gente tem. Mas de início é o cartão e o aluguel mesmo. (Entrevistada 5 – RJ, Técnico administrativo em Educação, 55 anos).

Por mais, além de haver categorização de receitas e despesas, alguns entrevistados ainda atribuem rótulos mais específicos para algumas delas, como por exemplo, “despesas fixas”, “despesas variáveis”, “renda variável” ou ainda, como fizeram a Entrevistada 2 (RR, Especialização, Enfermeira), que justifica “ter se dado ao luxo de comprar um carro zero” porque realiza o pagamento das parcelas do veículo com uma renda específica: “a renda das parcelas dos terrenos que vendi”, e o Entrevistada 14 (ES, Especialização, Enfermeira), que relatou estar pagando um consórcio para futuramente adquirir um apartamento, dando a entender que a destinação da renda (despesa) é definida com base na origem dela (receita), ou seja, o tipo de despesa depende do tipo de receita, assim como descreveu Thaler (1999).

No que se refere à etapa de codificação, foram inúmeros os relatos quanto ao assunto cartão de crédito, citado espontaneamente enquanto se discutia sobre orçamento, o que confirma a ideia de que o cartão de crédito e a renda são codificados juntos, assim como a renda, por sua vez, é codificada dentro do planejamento, como citado na seção anterior, confirmando a linha adotada no estudo de Sui et al. (2020) e as ideias de Bae et al. (1993), Thaler, (1999), Carraro e Merola (2018), Paraíso e Fernandes (2019), Khar (2016) e Campara et al., 2016. Dois destes relatos estão abaixo apresentados:

Quando o dinheiro cai, eu pago minhas dívidas fixas, né? A maioria delas é cobrada no meu cartão, então eu tenho uma visibilidade geral já de como tá e quanto vai ser cobrado. A primeira coisa que faço é realmente encaminhar para as minhas dívidas. Primeiro eu quito tudo pra depois pensar no que eu vou fazer com meu dinheiro. (Entrevistada 4 – DF, Analista de Dados, 31 anos).

Quando cai o pagamento, eu pago tudo na primeira semana, exceto a fatura do cartão, porque ela fecha só dia 13, então não adianta eu pagar antes. Mas, todas as contas que eu puder adiantar, eu adianto [...]. (Entrevistada 16 – PR, Psicóloga, 26 anos).

Ainda sobre a etapa de codificação, no que se refere à edição hedônica, para a dimensão da renda, a ideia de que também haveria uma edição na forma de ganhos e perdas mistas (Thaler, 1999) se confirmou parcialmente, uma vez que, apenas as despesas foram consideradas pelos entrevistados como perdas, já que traziam certo desconforto; e há aparentemente uma tendência de sempre integrar todos os ganhos e perdas independentemente de serem maiores ou menores, porque os pagamentos (das despesas) são realizados uma vez ao mês, diferente do que previa Thaler (1999) ao defender que haveria segregação quando as perdas fossem maiores que os ganhos e integração quando os ganhos são maiores que as perdas. Os registros destas percepções de desconforto quanto às despesas estão abaixo apresentados:

Olha, quando eu penso nas minhas receitas e despesas, me dá um pouco de angústia. Dá uma angustiazinha porque eu não consigo prever o quanto vai entrar e se eu vou

conseguir chegar no final do mês dentro daquela realidade. Como isso me causa angústia, então me remete a pensamentos ruins. (Entrevistada 9 – RN, Psicóloga, 39 anos).

Acho que é desespero (risos). Há um tempo atrás eu comecei a rastrear meus gastos e colocar na ponta do lápis porque eu tinha a sensação de não ver pra onde tava indo meu dinheiro. É uma sensação de descontrole mesmo. (Entrevistada 16 – PR, Psicóloga, 26 anos).

Por fim, no que concerne à etapa de avaliação, verificou-se na dimensão da renda praticamente os mesmos resultados encontrados para a dimensão do planejamento no que se refere à frequência com que as contas mentais são revisadas. No entanto, sobre o caráter das avaliações realizadas, foi observado que a maioria dos entrevistados (67%) tende à avaliação *ex ante*, pois, devido ao fato de antever previamente o orçamento e/ou fazer ajustes durante sua execução, os relatos demonstravam que as famílias, pelo menos, não entravam no vermelho no final do mês. A parcela de entrevistados que não realizava tais ações (33%), relatou sempre faltar dinheiro no final do mês, pois só realizavam algum tipo de avaliação ou tomavam alguma decisão quando já estavam no vermelho, ou seja, incorriam numa avaliação *ex post*. Os relatos dos Entrevistados(as) 10 e 3 dizem respeito à avaliação *ex ante* e do Entrevistado(a) 9 sobre a avaliação *ex post*:

Geralmente sobra. Agora que a gente começou com essa rotina de separar mesmo um dinheiro pra investimento, como se fosse uma conta fixa pra investir todo mês, porque dá um retorno maior. (Entrevistada 10 – RO, Empresária, 34 anos).

Faltar nunca faltou, mas acontece de as vezes querer fazer alguma coisa e ver que está com pouco dinheiro e falar “não vou”. Em Cuiabá é muito difícil porque a gente gasta muito com *uber*, então eu deixo de ir nos lugares pra não gastar com *uber* ou pra reduzir os gastos também. Então assim, não me falta, mas também não tá sobrando muito não. (Entrevistada 3 – MT, Universitária, 20 anos).

A frequência maior tem sido de falta mesmo. Antes, quando a gente precisava, usava o cartão de uma tia minha, que inclusive faleceu [...]. Hoje como não temos mais ela, o que dá pra pagar a gente paga e o que não dá, a gente vai jogando pra frente e quando entra alguma coisa a gente vê e assim vamos recalculando a rota. (Entrevistada 9 – RN, Psicóloga, 39 anos).

#### **4.1.3 Indícios de ocorrência da Contabilidade Mental e seus vieses sobre os comportamentos de consumo na dimensão do cartão de crédito**

Na etapa de codificação, no que se refere à dimensão do cartão de crédito, os resultados demonstraram que, na percepção dos entrevistados, o cartão de crédito pode sim influenciar o orçamento e o planejamento, tanto de formas positivas, quanto de formas negativas, dependendo de como ele é usado. É o que ilustram os relatos dos Entrevistados 13, 16 e 21, por exemplo:

O cartão de crédito influencia muito o orçamento, porque brasileiro não sabe usar cartão. Vira bola de leve, depois nem consegue pagar o que gastou. (Entrevistada 13 – SP, Empregada Doméstica, 57 anos).

O cartão influencia, com certeza, porque as pessoas usam o crédito como se fosse uma fonte de renda, quando na verdade ele vai se tornar mais um gasto, é uma falsa cobertura. (Entrevistada 16 – PR, Psicóloga, 26 anos).

Eu vejo assim... às vezes a pessoa quer comprar alguma coisa de valor maior e não tem dinheiro pra comprar a vista, então sai mais fácil ela comprar utilizando o cartão de crédito. Então olhando por esse lado, ajuda, porque ela vai ter condições de pagar uma parcela menor todo mês. (Entrevistada 21 – PI, Professora de Educação Infantil, 42 anos).

Essas opiniões reforçam, mais uma vez, a proposição levantada neste estudo de que, as dimensões do planejamento, da renda e do cartão de crédito, no processo da Contabilidade Mental, são codificadas todas juntas, já que estão interligadas umas às outras, como sugeriam os estudos de Bae et al. (1993), Thaler, (1999), Carraro e Merola (2018), Paraíso e Fernandes (2019), Khare (2016), Campara et al. (2016) e Sui et al. (2020). Além disso, verificou-se que, de fato, a fatura do cartão é percebida como um aglomerado de várias perdas menores, sendo editada hedonicamente na forma de integração de perdas, isto é, há uma combinação de várias despesas menores, que seriam integradas em um pagamento mensal único, sendo tais despesas percebidas como perdas por trazerem percepções negativas aos entrevistados (Thaler, 1985; 1999), pois alguns deles disseram centralizar todas as suas despesas na fatura, justamente como uma forma de visualizar tudo em um único lugar, facilitando tanto a análise das despesas, quanto o pagamento. Em adição a este achado, percebeu-se ainda que a maioria associava a fatura a coisas negativas quando eram induzidos a mentalizar a fatura de seu cartão de crédito. Os relatos dos Entrevistados(as) 27 e 10 resumem estes resultados:

Penso em dor, tristeza, desânimo, amargura (muitos risos). Porque atualmente, minha fatura tá alta, ainda mais agora que concentro todos os meus gastos nela, tá bem mais do que eu gostaria que estivesse. Eu já aceitei isso, mas olho e falo ‘Ai, por quê?’. Os pensamentos são negativos, com certeza. (Entrevistado 27 – PA, Militar Oficial da Marinha, 30 anos).

Bate um desespero né, mana? Porque todas as compras do mês a gente faz no cartão, então parece que no final é um valor tipo ‘nossa, né!? Mas olhando ali no extrato direitinho, a gente vê que de fato é tudo que a gente fez. A gente assusta quando vê o valorzão, mas quando para pra ver é aquilo mesmo. Dá uma dorzinha no coração pra pagar, né? (Entrevistada 10 – RO, Empresária, 34 anos).

No que se refere à etapa de categorização, na dimensão do cartão de crédito, também apresentou indícios de ocorrência, tendo em vista que, embora haja, em alguns casos, centralização de despesas na fatura, cada despesa dessas tinha, para os entrevistados, um rótulo que permitia identificar o tipo de gasto realizado no cartão, como demonstram alguns exemplos de relatos:

Eu uso é pra vaidade mesmo, né? Loja, gasolina, essas coisas. Roupas, maquiagem, coisas assim. (Entrevistada 24 – CE, Do lar, 25 anos).

Basicamente todas as despesas que eu te citei antes é no cartão: o plano do celular, o seguro, meu treino, quando eu pago algum curso [...]. (Entrevistada 4 – DF, Analista de Dados, 31 anos).

Academia, medicação, comida, transporte, tipo *uber*, lazer pra fazer alguma coisa, shopping. (Entrevistada 16 – PR, Psicóloga, 26 anos).

Posto isto, verifica-se que a etapa de categorização, na dimensão do cartão de crédito, muito se assemelha aos registros encontrados na dimensão da renda, provavelmente porque, uma dimensão integra a outra, como já citado anteriormente.

Por fim, sobre a etapa de avaliação, observou-se que esta foi muito associada à forma como os entrevistados percebiam a fatura do cartão. Assim, os entrevistados avaliaram o evento econômico “fatura” quase sempre negativamente, porque relatavam a impressão de pagar por algo que “já passou”, ou mesmo, arrependimento de ter usado o cartão, conforme demonstram as transcrições de alguns registros:

Penso que tenho que pagar mesmo, quando chegar o dia de pagar. O sentimento que dá é de dó de pagar uma coisa que já gastou. (Entrevistada 6 – MA, Camareira, 25 anos).

[...] me vem um pensamento negativo porque tu reflete se comprou coisas que realmente precisava e vê que gastou com besteira, entendeu? [...] Aí quando chega a fatura tu nem lembra com o que gastou e porquê tá tão alto. (Entrevistada 26 – AP, Auxiliar Administrativo, 29 anos).

É uma sensação de, pelo menos, desconforto, quando eu vejo o tanto que eu gasto com coisa boba. (Entrevistada 25 – MS, Advogada, 30 anos).

A explicação para esse fenômeno é dada por Thaler (1999) e Khare (2016), que explanam que, quando uma pessoa realiza uma despesa no cartão de crédito, há uma dissociação entre a compra e o consumo, e por isso a mente do indivíduo entende que não irá pagar por aquele gasto naquele exato momento. No entanto, conforme os relatos dos entrevistados, quando a “conta chega”, fica exatamente a sensação de se pagar por algo com certo “*delay*”, ou seja, no momento da avaliação, só há a “dor da perda”, representada pelo pagamento da fatura, sem a contrapartida do “prazer do ganho”, que seria o ato do consumo. Isso também permite concluir que as avaliações realizadas na dimensão do cartão de crédito, no âmbito deste estudo, foram todas realizadas em caráter *ex post*, porque os indivíduos estavam avaliando, a todo momento, um evento que passou.

#### 4.2 Categoria de comportamento de consumo com maior número de indícios de ocorrências da contabilidade mental

Ao contrário do que se previa com base na literatura, verificou-se que, para a categoria dos comportamentos de consumo equilibrados houve 168 registros de ocorrências da Contabilidade Mental, sendo 131 deles correspondentes às etapas (Codificação, Categorização e Avaliação) e 37 correspondentes aos vieses (Aversão ao Arrependimento, Efeito Dotação, Psicofísica, Autocontrole e Custo Afundado). Já para a categoria de comportamentos de consumo excessivos houve 74 ocorrências da Contabilidade Mental, sendo 59 deles referentes às etapas e 14 referentes aos vieses. Em outras palavras, o processo cognitivo da Contabilidade Mental se manifestou mais que o dobro de vezes sobre os comportamentos de categoria equilibrada, do que sobre os comportamentos de categoria excessiva, o que permite desconsiderar a ideia que houvesse uma relação mais forte entre a Contabilidade Mental e os comportamentos excessivos, como induziam os estudos de alguns autores (Bae et al., 1993; Fan et al., 2020, Nashawati, 2018; Khare, 2016; Paraíso & Fernandes, 2019; Carraro & Merola, 2018; Campara et al., 2016; Cerbasi, 2016). Os dados descritos seguem apresentados na Tabela 3.

Tabela 3

#### Frequências de ocorrência da Contabilidade Mental em cada uma das Categorias de Comportamentos de Consumo.

Vieses da Contabilidade Mental / Categoria de Comportamentos de Consumo	C.C. Equilibrado	(%) C.C. Equilibrado	C.C. Excessivo	(%) C.C. Excessivo	Total de Ocorrências	(%) Total
Etapas de Codificação	37	69%	17	31%	54	100%
Etapas de Categorização	57	76%	18	24%	75	100%
Etapas de Avaliação	37	61%	24	39%	61	100%
Princípio da Psicofísica	1	11%	8	89%	9	100%
Viés do Autocontrole	34	97%	1	3%	35	100%

Efeito Dotação	2	40%	3	60%	5	100%
Viés do Custo Afundado	0	-	2	100%	2	100%
Aversão ao Arrependimento	0	-	0	-	0	-
Totais	168	70%	73	30%	241	100%

Nota. Dados da Pesquisa (2023).

De acordo com a Tabela 3, conclui-se que alguns vieses do processo cognitivo da Contabilidade Mental parecem ser “bons” para as finanças domésticas, como é o caso do viés do autocontrole, que teve 97% de suas ocorrências no grupo dos comportamentos equilibrados; outros vieses parecem ser “ruins”, como o princípio da psicofísica, o efeito dotação e o viés do custo afundado, que, embora tenham ocorrido em menor número em valor absoluto, tiveram ocorrências de 89%, 60% e 100% no grupo dos comportamentos excessivos respectivamente; e ainda, um viés (aversão ao arrependimento) permaneceu neutro, não havendo ocorrências explícitas no relato dos entrevistados, o que não significa que ele não esteja presente, já que ele pode ocorrer de forma oculta em qualquer uma das etapas da Contabilidade Mental, quando um indivíduo evita ou permanece inerte a alguma alternativa, conforme explica Lima (2003). Isto vai ao encontro dos estudos de Miotto e Parente (2015), Constantino (2020) e Sui et al. (2020), que são unânimes em afirmar que a Contabilidade Mental é benigna às finanças domésticas e que ela promove o comportamento de consumo equilibrado, uma vez que, o processo cognitivo da Contabilidade Mental como um todo apresentou maior número de indícios de ocorrência quando se discute sobre comportamentos de consumo equilibrados.

## 5 Considerações Finais

O presente estudo teve como objetivo analisar os efeitos da Contabilidade Mental sobre os comportamentos de consumo de indivíduos brasileiros. Nesse sentido, por meio da análise de conteúdo aplicada às transcrições das entrevistas dos 27 brasileiros que participaram da pesquisa, foi possível atingir ao principal objetivo proposto e concluir que, a Contabilidade Mental parece ser benigna às finanças domésticas, em suas três dimensões, e se manifesta com maior frequência sobre comportamentos de consumo de categoria equilibrada.

Os resultados permitiram, de fato, identificar indícios de ocorrências do processo cognitivo da Contabilidade Mental e seus vieses nas três dimensões das finanças domésticas, quais sejam, planejamento, renda e cartão de crédito, sendo que nestas três dimensões ocorreram as etapas de codificação, categorização e avaliação. Ressalta-se ainda que, nas três dimensões, foram encontradas evidências de que o planejamento abrange a renda, que por sua vez, abarca o cartão de crédito, ou seja, as dimensões do planejamento, renda e cartão de crédito são codificadas todas juntas, porque estão todas sob abrangência do planejamento. E, no que concerne à edição hedônica, que ocorre na etapa de codificação, para a dimensão do planejamento, não houve vestígios para confirmação da ideia de que o planejamento seria editado na forma de ganhos e perdas mistas, já que nenhum dos entrevistados sugeriu qualquer percepção de sucesso como ganho e fracasso como perda. Na dimensão da renda, a ideia de que também haveria uma edição na forma de ganhos e perdas mistas se confirmou parcialmente, uma vez que, apenas as despesas foram consideradas pelos entrevistados como perdas e há aparentemente uma tendência de sempre integrar todos os ganhos e perdas. Já na dimensão do cartão de crédito, confirmou-se a ideia de que a fatura do cartão seria um aglomerado de várias perdas menores, sendo editada hedonicamente na forma de integração de perdas. Além disso, nas três dimensões, os entrevistados citaram rótulos para suas receitas e despesas, caracterizando a etapa de categorização. Por mais, a etapa de avaliação também ocorreu nas três dimensões, sendo que no Planejamento, os indivíduos planejados tendem à avaliação *ex ante* e os não planejados tendem à avaliação *ex post*; na renda, a maioria tende à avaliação *ex ante*; e no cartão de crédito todos tendem à avaliação *ex post*.

No que concerne à categoria de comportamentos de consumo com maior número de indícios de ocorrência da Contabilidade Mental e seus vieses, pontua-se que a categoria dos comportamentos equilibrados foi a que evidenciou mais indícios de ocorrência do processo cognitivo da Contabilidade Mental (com 70% das ocorrências), contrariando a ideia de que os comportamentos excessivos teriam maior relação com a Contabilidade Mental devido ao fato de ambos os fenômenos serem desenvolvidos no campo irracional e inconsciente da mente.

A limitação do estudo ficou por conta do desenvolvimento do instrumento de pesquisa, pois, por se tratar de questionário e, devido ao fato de não se ter encontrado estudos qualitativos acerca do tema Contabilidade Mental, não havia referências prévias de instrumentos de pesquisa qualitativos validados que conseguissem captar as percepções dos entrevistados acerca do processo cognitivo da Contabilidade Mental e seus vieses, sendo que o questionário desenvolvido para este estudo talvez seja o primeiro deles. Dessa forma, por mais que tenham sido testadas várias versões do mesmo, no caso de uma pergunta e outra, alguns entrevistados deram respostas um tanto ambíguas, o que pode ser apenas um desconhecimento de causa dos entrevistados, como pode ser também uma evidência de que o instrumento de pesquisa não estivesse tão fidedigno à função para o qual foi desenvolvido. Além disso, como os dados foram coletados em um momento ainda pandêmico, os relatos dos entrevistados, e portanto, também os resultados, podem ter sido influenciados pelo momento pós-pandemia, o que pode ser averiguado em estudos futuros.

Há de se salientar ainda que, se tratando de uma pesquisa qualitativa, não há como generalizar os resultados aqui apresentados, mas este estudo é um início para que em pesquisas futuras, se averigue em maior escala os indícios aqui demonstrados. Nesse sentido, se propõe ainda que, em estudos pósteros, se analise as relações entre os comportamentos de consumo e as características demográficas dos indivíduos, bem como sejam validadas escalas para os comportamentos de consumo aqui descritos, de forma a permitir a mensuração deles e até mesmo a associação com outros instrumentos em pesquisas, tanto em pesquisa qualitativas, como quantitativas. O mesmo se sugere em relação à Contabilidade Mental.

## Referências

- Adams, R. H. J., & Cuecuecha, A. (2010). Remittances, household expenditure and investment in Guatemala. *World Development*, 38 (11), 1626-1641.
- Avanzi, D., Guissoni, L. A.; Rodrigues, J. M., & D'Andrea, R. (2020). Uso de vieses cognitivos em ativações de merchandising e o efeito nas vendas nos supermercados. *Revista de Administração de Empresas*, 60 (4), 262-272.  
<https://doi.org/10.1590/S0034-759020200403>
- Bae, M., Hanna, S. D., & Lindamood, S. (1993). Patterns of Overspending in U.S. Households. *Journal of Financial Counseling and Planning*, 4,11-31.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Bugalho, F. M. (2021). *Influência da contabilidade mental e da percepção de conhecimento tributário no comportamento de conformidade tributária dos contribuintes brasileiros*. [Dissertação de mestrado]. Universidade Federal de Santa Catarina.
- Campara, J. P., Vieira, K. M., Costa, V. M. F., & Fraga, L. S. (2016) O Dilema dos inadimplentes: antecedentes e consequentes do “nome sujo”. *Revista Brasileira de Marketing*, 15 (1), 71-85.
- Carraro, W. B. W. H., & Merola, B. A. (2018). Percepções adquiridas numa capacitação em educação financeira para adultos. *Revista Gestão e Planejamento*, 19, 414-435.  
<https://doi.org/10.21714/2178-8030gep.v19.4711>.
- Cerbasi, G. (2016). *Dinheiro: os segredos de quem tem*. Sextante.

- Comissão de Valores Mobiliários. (2019). *Planejamento financeiro pessoal*. Associação Brasileira de Planejadores Financeiros. Recuperado em 20 de outubro, 2021, de [http://gmw.investidor.gov.br/wp-content/uploads/2021/03/livro\\_TOP\\_planejamento\\_financeiro\\_pessoal.pdf](http://gmw.investidor.gov.br/wp-content/uploads/2021/03/livro_TOP_planejamento_financeiro_pessoal.pdf).
- Constantino, T. S. T. (2020). Contabilidade mental e esquema Ponzi: as finanças comportamentais na vida de investidores brasileiros. [Dissertação de Mestrado]. Universidade Estácio de Sá. Recuperado em 09 setembro, 2021, de <https://portal.estacio.br/media/4684512/thiago-da-silva-telles-constantino.pdf>.
- Creswell, J. W. W. (2010). *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. (2a ed.). Bookman.
- Fan, W., Zhong, H., & Zhu, A. (2020). Destigmatising the stigma: Understanding the impact of message framing on chinese consumers' guilt and attitude associated with overspending behavior. *Journal of Consumer Behaviour* 20(4), 1-14. <https://doi.org/10.1002/cb.1848>.
- Gil, A. C. (2010). *Como elaborar projetos de pesquisa*. (5a ed.). Atlas.
- Jorge, J. P. & Ferreira, R. (2011). *Manual das Finanças Pessoais*. Arcádia.
- Khare, A. (2016). Money attitudes, credit card and compulsive buying behaviour: a study on Indian consumers. *International Journal of Business Competition and Growth*, 5(1/2/3):49–71. <https://doi.org/10.1504/IJBCG.2016.079935>.
- Kitch, T. G. F., Lopes, L. F. D., Almeida D. M., Corrêa, J. S. & Tavares, T. O. (2018). Análise da relação do nível de educação financeira com os vieses comportamentais para universitários brasileiros. *Revista de Gestão do Unilasalle*, 7 (2). <https://doi.org/10.18316/desenv.v7i2.3760>.
- Li, G., Schoeni, R. F., Danziger, S., & Charles, K. K. (2010). New expenditure data in the PSID: Comparisons with the CE. *Monthly Labor Review*, 133 (2) 29–39.
- LIMA, M. V. (2003). Um estudo sobre finanças comportamentais. *RAE-eletrônica*, 2 (1).
- Miotto, A. P. S. C., & Parente, J. (2015). Antecedents and consequences of household financial management in Brazilian lower-middle-class. *RAE – Revista de Administração de Empresas da FGV/EAESP*, 55 (1), 50–64.
- Nashawati, S. (2018). Tourism Experience in Cashless Society. Investigating links between credit card purchase and satisfaction: The case of FIS Cross Country World Cup - Thesis Proposal (Bachelor Level in Tourism Studies). Dalarna University, Sweden.
- Niazi, K. S., & Malik, Q. A. (2020). Socio-demographics, risk propensity, and investment diversity moderating role of financial literacy. *International Transaction Journal of Engineering, Management, & Applied Sciences & Technologies*, 11 (1). <https://doi.org/10.14456/ITJEMAST.2020.9>.
- Oliveira, D. C. (2008). Análise de Conteúdo Temático-Categorial: uma proposta de sistematização. *Rev. Enferm. UERJ*, 16 (4), 569-576.
- Paraiso, S. C. S., & Fernandes, R. A. S. (2019). O crescimento do índice de endividamento das famílias brasileiras. *Cosmopolitana em Ação*, 6 (2), 12-26. <https://doi.org/10.6084/m9.figshare.12296267>.
- Rengel, R. (2020). Alinhamento das preferências dos operadores das informações contábeis sob a perspectiva da contabilidade mental. [Dissertação de Mestrado]. Universidade Federal de Santa Catarina.
- Santos, A. C., Garcia, E. L. M., Faia, V. S., & Santos, A. M. F. (2019). Finanças pessoais: um estudo com acadêmicos sob a abordagem da teoria da Contabilidade Mental. *Revista de Contabilidade do Mestrado em Ciências Contábeis da UERJ (online)*, 24 (1), 90-111. <https://doi.org/10.12979/rcmccuerj.v24i1.50688>.
- Shefrin, H. M., & Thaler, R. H. (1998). The behavioral life-cycle hypothesis. *Economic Inquiry*, 26 (4), 609-643. <https://doi.org/10.1111/j.1465-7295.1988.tb01520.x>.

- Silva, T. P., Magro, C. B. D., Gorla, M. C., & Nakamura, W. T. (2017). Financial education level of high school students and its economic reflections. *RAUSP Management Journal – Revista de Administração (São Paulo)*, 52 (3), 285-303. <https://doi.org/10.1016/j.rausp.2016.12.010>.
- Silva, R. A. (2020). Dois ensaios em finanças comportamentais: teoria do prospecto, contabilidade mental e momentum no Brasil. [Tese de Doutorado] – Universidade Federal de Santa Catarina.
- Silva, E. L., & Menezes, E. M. (2001). *Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação*. (3a ed.). Laboratório de Ensino a Distância da UFSC.
- Sui, L., Sun, L., & Geyfman, V. (2020). An assessment of the effects of mental accounting on overspending behavior: an empirical study. *International Journal of Consumer Studies*, 1-14. <https://doi.org/10.1111/ijcs.12613>.
- Thaler, R. (1980). Toward a positive theory of consumer choice. *Journal of Economic Behavior and Organization*, 1, 39-60.
- Thaler, R. H. (1985). Mental Accounting and Consumer Choice. *Marketing Science*, 4 (3), 199-214. <https://doi.org/10.1287/mksc.4.3.199>.
- Thaler, R. H. (1999). Mental accounting matters. *Journal of Behavioral Decision Making*, 12 (3), 183–206. [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1099-0771\(199909\)12:3%3C183::AID-BDM318%3E3.0.CO;2-F](https://doi.org/10.1002/(SICI)1099-0771(199909)12:3%3C183::AID-BDM318%3E3.0.CO;2-F).
- Woods, P. (1999). *Successful Writing for Qualitative Researchers*. Routledge.
- Yin, R. K. (2005). *Estudo de caso: planejamento e métodos*. (3a ed.). Bookman.
- Zanetta, A. (2016, setembro-dezembro). Influência de Aspectos da Racionalidade e da Personalidade Sobre a Ocorrência da Ilusão Contabilidade Mental. *RAD - Revista Administração em Diálogo*, 18 (3),26-45.